

MACAU no mito do Quinto Império de Fernando

Pessoa

Arnaldo M. A. Gonçalves¹

Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto
que pode obrar alguém da humanidade.
Fernando Pessoa, 1930

Prognose

A percepção da identidade como ancoradouro da nossa pertença a um Estado-Nação e a um espaço-região habitualmente designado por *Europa* tem acompanhado a reflexão sobre onde estamos [o presente] e para onde vamos [o futuro]. Povo demiurgo, dado mais a olhares sobre o passado do que sobre o futuro, raramente transformamos isso num factor positivo.

Em vida, subvalorizamos os nossos valores culturais e intelectuais maiores porque achamos sempre que lhes falta algo para alcançarem o estatuto de deuses do Olimpo, a que achamos que qualquer valor intelectual nacional deve almejar. Depois de mortos rapidamente os projectamos a um estado de divindades ou santos, como se o seu caminho fosse exemplar e eles, terrenos que foram, não tenham tido as suas contradições, os seus falhanços, os seus pecadilhos.

Povo imperial inconformado com o Império que reuniu e de que rapidamente se desfez, sem aparente problema de consciência, o Povo Português reencontrou-se, na sequência da Revolução dos Cravos, sozinho consigo próprio, reduzido à normalidade de país limítrofe, sito na Europa, igual a tantos outros que formam o compósito humano e civilizacional que vai do Oceano Atlântico até aos Montes Urais. Integrado, mais por teimosia dos seus líderes democráticos do que por opção popular referendada, no espaço das Comunidades Europeias nunca se conformou à situação de, como disse Eduardo Lourenço, ver o seu destino re-ancorado ao continente que o viu nascer e fazer do rectângulo ibérico a sua casa definitiva.

Outros povos, com outra história imperial que não a nossa, souberam primeiro construir o seu império territorial e depois quando as regras de

¹ Professor do Ensino Superior [Macau], autor, investigador nas áreas de Ciência Política, Relações Internacionais, Relações China-Europa, Macau, Hong Kong e Regimes de Transição. Antigo assessor do Governo português de Macau.

convivência das nações mudaram, acomodar as populações auto-determinadas numa lógica de “espaço civilizacional” ligado por uma cultura [ou convergência delas], por laços económicos de interdependência e cooperação, por interesses estratégicos coincidentes ou por uma língua comum. Citam-se, a bem do argumento, a Grã-Bretanha, a França, a Espanha ou a Itália que souberam construir relações de perenidade aglutinando antigos territórios colonizados numa lógica de comunidade sem que a sua condição de nações europeias fosse beliscada ou diminuída. Não o entendeu, assim, Portugal que depois de possibilitar que as suas colónias africanas obtivessem rapidamente a independência se aplicou em libertar-se das suas responsabilidades de administração sobre dois pequenos territórios que detinha no outro lado do mundo, em Macau e Timor.

Se do ponto de vista soberanista, Portugal se viu finalmente como Estado-Nação unitário e geograficamente europeu, isso não invalida o facto de como velha Nação europeia e centro do primeiro processo de globalização transcontinental se percepcione com um destino especial, desta vez já não cristianizante, mas pólo, dínamo, locomotiva de uma nova era de cosmopolitismo e de diálogo intercultural, indispensável a uma Europa que carece de referências identitárias comuns, sobretudo depois do último alargamento a Leste.

País administrante do último território europeu na Ásia - Macau - Portugal pressagia na manutenção desses laços de proximidade e de partilha com o Oriente, tecidos à volta do conceito indefinido de *lusofonia*, uma vocação, um desígnio para além dos tempos e uma realidade “construtível” que importa desbravar e aprofundar. Num tempo em que se reatam laços de solidariedade regional ou cultural para que os países não afrontem sozinhos os desafios da competição económica global, “poderes suaves” como a língua, a cultura, a tradição, constituem factores de potência para os países que deles dispõem.

Se o mito é, como Fernando Pessoa lhe adivinha, “o nada que é tudo” e também “o mesmo sol que abre os céus”, ele “brilhante e mudo” representa um importante elemento constitutivo na forma como podemos intuir a identidade de

Portugal como país diferente dos outros e com um destino *divinamente* original². E se Camões ancora o destino de Portugal às conquistas concretizadas, às novas terras descobertas, por isso ao passado, Fernando Pessoa liga o mito fundador àquilo que é necessário para fazer-se “cumprir Portugal”, isto é, ao Quinto Império³. Um Império⁴ já não material, físico, territorial - esse perdeu-se com o destino [o *fatum*] - mas um Império transcendental, espiritual feito do cruzamento das várias religiões e das experiências das várias Gnosés numa outra compreensibilidade do mundo e do papel dos homens nele.

A presença de Macau como território longínquo parte do Terceiro Império [o da Cristandade] é inteligível numa leitura histórica mas também finalística do poema épico⁵. Afinal a obra da missão estendera-se a essas paragens e o título de Cidade do Santo Nome de Deus de Macau demonstra o papel relevante do enclave durante os 440 anos que os portugueses o administraram. Numa leitura cristianizada do seu papel presente e futuro, Macau subsiste como ponto de referência da Fé Cristã no Oriente, atol no vasto oceano do budismo, do islamismo e do hinduísmo. Será que a obra de Fernando Pessoa, designadamente a *Mensagem*, legitima esta leitura? Ou pelo contrário temos que tentar compreender a utopia do *Quinto Império* à luz das crenças esotéricas de Pessoa que pouco ou nada têm a ver com um “espaço vital espiritual” da acção da Igreja Católica Apostólica Romana no mundo? Noutras palavras haveremos de preferir uma leitura nacionalista de Fernando Pessoa ou uma leitura universalista do seu testemunho intelectual?

Estamos em crer, que Macau sobrevive como realidade ontológica [do gr. *ontos + logos*] no mito do *Quinto Império*, um Império que há-de vir, embora não exista nenhum passo da *Mensagem* que legitime essa concatenação. A obra do

² Poema “Ulisses”, primeira parte “Brasão” da *Mensagem*. Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Prefácio de Richard Zenith e Ilustrações de Pedro Sousa Pereira, Oficina do Livro, Lisboa, 2006, pág. 35.

³ Poema “O Infante”, segunda parte “Mar Português” da *Mensagem*, Oficina do Livro, *ibid*, pág. 79.

⁴ Do lat. *Imperium*, preceito, ordem, autoridade que emana do superior para o inferior. Vide Figueiredo, Cândido de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª Edição, Volume II, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996.

⁵ Vide a primeira quadra do poema “O dos Castelos” e o último verso do poema “O Infante D. Henrique”, in Pessoa, Fernando, Zenith, Richard, Pereira, Pedro Sousa, *Mensagem*, Oficina do Livro, *ibid*, pp. 28 e 69.

poeta do Orfeu tem de ser interpretada, de uma forma integrada e sistémica, não sendo despidendo o facto do poema épico ter sido escrito ao longo de vinte e um anos [1913-1934]⁶. Ora nesse mesmo tempo Pessoa trabalhava na prosa, na filosofia, na poesia dos seus vários heterónimos e numa profunda reflexão esotérica que só foi conhecida depois da sua morte.

Atribuindo uma enorme importância ao simbolismo⁷, às vivências religiosas primitivas e às Escolas Iniciáticas da Antiguidade, o pensamento de Pessoa não é compreensível se não se tiver em conta as suas qualidades de templário, gnóstico e esotérico⁸. Pessoa via em Portugal um país com um papel especial na realização da Grande Obra determinada por Deus, o Superior Arquitecto da Criação, concepção que ultrapassava os caminhos da religião revelada e perfilhada pelos seus contemporâneos: o catolicismo. Dificilmente poderemos classificar Pessoa como crente e cristão. Ele era um místico, um Iniciado, um adepto do rosicrucismo, do simbolismo oculto e de uma Nova Jerusalém Celeste⁹.

O entendimento do *Quinto Império* que a *Mensagem* antecipa terá que ser visto em conjunto com as *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, os *Textos Filosóficos* ou a *Poesia* de Alberto Cairo como indicadores - sinaléticas - de uma reflexão [nem sempre coerente] sobre a vida e o destino magno dos Portugueses que ultrapassa a ideia de um nacionalismo redutivo que alguns

⁶ Cirurgião, António, *O Olhar Esfíngico da Mensagem de Fernando Pessoa*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1ª edição, Lisboa, 1990, pág. 26

⁷ *Símbolos. Tudo símbolos...*

Se calhar, tudo é símbolos...

Serás tu um símbolo também? (...)

Então todo o mundo é símbolo e magia?

Se calhar é...

E porque não há-de ser?

Do poema *Psiquetipia (ou Psicotipia)* de Álvaro de Campos.

⁸ Na sua *Nota Autobiográfica* diz: "Posição religiosa: Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria". In *Fernando Pessoa no seu tempo*, Biblioteca Nacional (Portugal), 1988, pp. 17-22.

⁹ Num poema dedicado a São João Pessoa diz "Meu Irmão, se tu és maçom, eu sou mais do que maçom, eu sou templário". Vide Matos, Jorge de, *O Pensamento Maçónico de Fernando Pessoa*, Hugin Editores, Lisboa, 1997, pág. 12.

insistem em colar à escrita do autor como simpatizante do fascismo¹⁰. A obra de Pessoa, polémica, eventualmente desarmónica, está para além desses simplismos e ganha uma nova compreensibilidade se a lermos de acordo com as convicções mais profundas que declinou em tornar públicas. É esse o objectivo desta comunicação.

1. A mitologia do *Quinto Império*

Do latim “mythus”, *mito* significa a exposição simbólica de um facto, uma dada narrativa, algo inacreditável que não tem realidade¹¹. Na sua origem grega [*muthos*] representa as fábulas que se compreendiam na história das divindades do paganismo. Numa interpretação filosófica podemos compreender o mito como um esforço de compreensão do mundo sem que daí resulte a consciência das diferenças entre o lógico, a ficção e a realidade concreta, e que implica a revisita de uma atitude inicial da experiência que o homem tem de si, do outro e do mundo que o rodeia¹². A consciência do mito não traduz a percepção da imagem objectiva do mundo, ou nas palavras de Fernando Pessoa “o mito é o nada que é tudo”, colocando-se no inominado ou no imponderado a sua essência, confinando-a ao indeterminado das valorações simbólicas e visionárias¹³.

No fundo, a direcção para que o mito aponta é *algo que se perdeu*, o momento da restituição do homem a uma ordem sumida, a reintegração do homem a uma ordem cósmica para além do caos. Neste sentido, o verdadeiro mito é o da origem e da reintegração o que nos transporta à veracidade do

¹⁰ Yabunaka, Satoru, “A Ideologia Política de Fernando Pessoa: Notas Elementares” in Secretaria de Estado da Cultura, *Um Século de Pessoa. Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 5-7 de Dezembro de 1988, pp. 188-191. Como o assinala Alisson Alves da Hora, Pessoa expressou em poemas tão duros quanto sarcásticos o seu descontentamento com a ditadura, fiel aos seus sentimentos de liberdade e amor à pátria. Hora, Alisson da, “A Última Mensagem...”, in Paiva, José Rodrigues e Ferreira, Ermelinda, *Em Pessoa, ibid*, pp. 32-3.

¹¹ Figueiredo, Cândido de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª Edição, Volume II, Bertrand Editora, Venda Nova, 1996, pág. 1711.

¹² Pimentel, Manuel Cândido, “O Mito de Portugal nas suas raízes culturais”, AA.VV., *Portugal: Percursos de Interculturalidade: Matrizes e Configurações*, vol. III, Lisboa, ACIDI, 2008, pág. 8.

¹³ *Ibidem*.

mito português ou de Portugal. Como é que se pode definir esse mito? Como o horizonte unitário da nossa vivência colectiva, da nossa representação do mundo, da nossa introspecção das glórias e misérias que constroem a nossa história, o nosso ser, a nossa memória. A origem de um lusofilismo da raça. Como o sumaria um autor, o mito de Portugal encarna ideais colectivos, tem um conteúdo existencial e histórico e nele se exprimem os sentimentos, as paixões e as aspirações de um povo e a sua visão, compreensão e capacidade de transformação do mundo¹⁴. Constitui um sistema de representações vitais, uma organização de valores mentais, afectivos, gnosiológicos, éticos e espirituais, que se forma sob o efeito das contribuições da história das circunstâncias dos Portugueses na história, o que se confunde com a nacionalidade e a sua permanência no tempo.

Como o sumaria António José Saraiva, os mitos históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo¹⁵. O mito de Portugal é no essencial o mito de Portugal como Império e este reformula-se ao longo das várias fases da história do país e articula-se em várias etapas: a fundação da nacionalidade, a expansão e a restauração, a Geração de 70 e a ideia de decadência, a Primeira República, a Ditadura Nacional e o 25 de Abril. A etapa que vai da Batalha de Ourique [1139] à Restauração [1640] é a idade de ouro do mito da raça predestinada a grandes feitos na história do mundo e da Europa. Com o desastre de Alcácer Quibir [1578] introduz-se na reflexão identitária portuguesa o Sebastianismo com veio essencial do mito de Portugal que conduz à traumática perda da independência. Ele está presente na poesia mas também na reflexão política de Fernando Pessoa, quanto ao Império e à Glória que já foi e ao Império que está para vir e que acompanha o regresso do Encoberto, o Rei D. Sebastião.

¹⁴ *Idem*, pág. 10.

¹⁵ Saraiva, António José, "As Épocas da Cultura Portuguesa", in *A Cultura em Portugal: Teoria e História*, I, Gradiva, Lisboa, 1994, pág. 112.

A mitologia do *Quinto Império* surge como sequência dos contributos de três autores para a compreensão da dimensão perdida da grandeza portuguesa, a que não é estranha a relevância do decadentismo romântico na nossa literatura e no nosso pensamento intelectual. Desde logo, através das Trovas de Bandarra editadas por D. João de Castro, cuja primeira edição surge em Paris com o título *Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*. Depois através de António Vieira e da sua *História do Futuro* e finalmente de Fernando Pessoa e a sua *Mensagem*. Não é por acaso que o poeta do Orfeu os alinha na Parte Terceira da sua *Mensagem* que tem a epígrafe dos *Encobertos* numa secção que intitula de "Os Avisos". *Encobertos* são os que não se deixam ver, os que são misteriosos¹⁶.

Os avisos no sentido de premonições são dados pelos Profetas [do grego *prophetes*], que anunciam as boas novas numa tradição consagrada que data do judaísmo e do Antigo Testamento¹⁷. Elas contrapõem-se a um presente que se assinala triste, negro, sofredor, sem esperança:

Triste de quem vive em casa contente com o seu lar, sem que um sonho, no erguer de asa, faça até mais rubra a brasa da lareira a abandonar. [...] Triste de quem é feliz. Vive porque a vida dura. Nada na alma lhe diz [...] ter vida para além da sepultura¹⁸.

Na literatura portuguesa o profetismo toma corpo em vozes iluminadas que apontam regra geral para saídas optimistas e trazem anúncio de um messias concreto o qual como que corporiza todas as ânsias nacionais de acordo com o momento e as dificuldades. O profetismo vai contudo além disso e assume-se como o tema fundacional da busca da felicidade e da perfeição, através da magia e do mistério, como meios de remédio [para os padecimentos

¹⁶ O encobretismo é a crença no regresso do Encoberto, portanto um sebastianismo. Vide Figueiredo, Cândido de, *Grande Dicionário...*, *ibid*, pág. 977.

¹⁷ Os profetas era aqueles que entre os hebreus prediziam o futuro por inspiração divina. O profetismo pode ser interpretado como uma doutrina religiosa ou transcendental que se baseia em exercícios proféticos, feitos por homens a que Deus confiou essa missão transcendental.

¹⁸ Poema "O Quinto Império", segundo poema dos "Símbolos", primeira secção da Terceira Parte [*O Encoberto*], Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Oficina do Livro, pág. 110.

e tristezas] e de acolhimento¹⁹. Quando fracassam os meios colectivos para ultrapassarmos dificuldades e impasses políticos lançamos mãos de anúncios messiânicos quer como fuga ao real quer crença no historicismo do irreal que nos favorece como povo predestinado pela Providência Divina.

Pessoa elenca desde logo Bandarra como o Primeiro Profeta, homem comum, plebeu, nem santo nem herói que “sonhava anónimo e disperso o Império por Deus mesmo visto” porque “Deus [o] sagrou como Seu sinal” porque Bandarra tinha “um coração não português mas Portugal”. Porquê anónimo? Porquê Portugal? Porque Bandarra é sobretudo um nome colectivo e designa o homem desse nome que teve, pela primeira vez, uma visão profética do destino do país e os outros que lhe seguiram e que usando a mesma visão procuraram no anonimato designando as suas trovas como sendo do Bandarra²⁰. Segundo se diz, Bandarra ganhou fama em Trancoso de rabi local, tendo uma memória prodigiosa, utilizando trechos das Escrituras e fazendo inúmeras predições. As predições de Bandarra são dadas por sonhos como as personagens da Bíblia [e do Corão] no anúncio da mensagem de Deus: “Vejo, vejo, direi, vejo agora que estou sonhando, semente d’El-Rei Fernando fazer um grande despejo. [...] O quem tivera poder para dizer os sonhos que o homem sonha²¹”. Na Trova LXXV Bandarra referencia a vinda do Encoberto quando diz:

Já o Leão é experto muito alerta. Já acordou, anda caminho. Trará cedo do ninho o porco, e é mui certo. Fugirá para o deserto, do Leão, e seu bramido, demonstra que vai ferido desse bom Rei Encoberto²².

Na qualidade de profeta Bandarra foi marcado com o “sinal” de Deus, foi ungido, como ungidos foram os profetas do Antigo Testamento e

¹⁹ Também Antunes, Alfredo, “A Profecia de um Quinto Império” in *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa. Elementos para uma Antropologia Filosófica*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1983, pág. 433.

²⁰ Cirurgião, António, *O Olhar Esfíngico...*, *ibid*, pp. 231-4.

²¹ *Profecias do Bandarra – Sapateiro de Trancoso*, Apresentação de António Carlos Carvalho, Editorial Vega, Lisboa, s/data, pág. 41.

²² *Profecias*, *idem*, pág. 57.

miraculosamente transformou-se em Portugal. O coração é de acordo com a crença Rosa-Cruz o centro da vida, da experimentação e essa é a razão porque a rosa branca se insere no centro da cruz no ponto correspondente à *chakra* do coração. O centro energético da *chakra* está ligada à percepção sensorial dos mundos metafísicos, ao etéreo, ao transcendental.

Pessoa passa a seguir para o segundo aviso, o de António Vieira, o Segundo Profeta, já não um homem comum mas um representante do clero, num tempo em que Portugal acaba de fazer a passagem do deserto quando fora governado pelos Filipes de Espanha e se liberta - para tomarmos o exemplo bíblico - do seu cativeiro da Babilónia. Identifica-o como personagem de fama e glória associando-o à promoção da língua portuguesa mas dá-lhe uma dimensão ainda mais profética que associa ao regresso do Encoberto:

Este que teve a fama e a glória tem, Imperador da língua portuguesa, foi-nos um céu também [...] no imenso espaço do seu meditar [...] surge prenúncio claro do luar, El-rei D. Sebastião. [...] É luz do etéreo, é um dia e no céu amplo do desejo, a madrugada irreal do Quinto Império doira as margens do Tejo²³.

Este é o segundo poema, em que de uma forma explícita, Fernando Pessoa se refere ao Quinto Império, como o Império que há-de vir, mas liga essa vinda a três imagens: a imagem do Rei derrotado e perdido em Alcácer Quibir que é prenúncio de luar; a imagem que é etérea e é dia; a imagem já dia porque é madrugada, a madrugada para além do real [irreal] da vinda do *Quinto Império*. O Padre António Vieira deixa claro qual o Império que há-de vir ao iniciar a segundo livro da *História do Futuro*:

É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos. Prova-se dos mesmos textos e profecias já alegadas. [...] Concordam com a verdade da nossa *História* em dizerem, com os demais, que o Quinto Império é o de Cristo e dos Cristãos [...] e esse Império de que falam as profecias alegadas é principalmente o da Terra e não do Céu [...] é império espiritual e há-de ser sempre o mesmo em qualquer tempo futuro

²³ Poema "António Vieira" da secção II [Os Símbolos] da Terceira Parte "O Encoberto" in Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Oficina do Livro, pág. 122.

será e há-de ser sempre também espiritual²⁴.

Como é que Fernando Pessoa recebe o testemunho do Quinto Império que avoca ao Padre António Vieira? Pelo testemunho da palavra, mas não de uma palavra qualquer, a palavra do “Imperador da língua portuguesa” que foi “um céu para Portugal”. Alguém que além de ser o mestre da língua [como que um Grão-Mestre dos saberes arcanos] foi mensageiro do sinal dos desígnios de Deus para Portugal. Na sua capacidade premonitória [e adivinhatória] Pessoa pressagia a forma de arquétipo de El-Rei D. Sebastião na luz do luar. O luar tem para os profetas, os vates, as sacerdotisas uma dimensão mágica, já que é a luz da Lua que possibilita de forma ainda nebulosa, imprecisa, o anúncio do dia que está para vir. Essa dimensão está em toda literatura celta, no Ciclo Arturiano que Fernando Pessoa obrigatoriamente conhecia, como Iniciado nos mistérios Templários. A Lua é com o Sol uma das três imagens sempre presentes nos Templos maçónicos ladeando o Delta, o Olho de Deus, no Oriente da Loja, representação minimizada do Templo de Salomão. Neste sentido como segue na terceira e última quadra do poema “é a luz etérea²⁵...a madrugada irreal do Quinto Império”.

A luz da madrugada [aurora] é aquela que anuncia o novo dia, em que os raios do Sol no sentido do Astro-Rei e incorporação da luz divina e do conhecimento esotérico, se liberta das brumas da noite, da negrura, do oculto para libertar a sua luz. Como luz ainda não firme, apenas antecipatória do dia que está para vir, a luz da madrugada é difusa e portanto irreal, etérea, surreal, mas é uma luz que regressa a Portugal pelo ponto onde o Rei perdido e desejado largou para a sua saga trágica: as margens do Tejo. Pessoa não o diz mas infere-se do contexto lógico da sua menção ao Tejo, o cais da partida das caravelas, o cais das colunas, que dava acesso ao rio e donde zarpou a frota

²⁴ Vieira, António, *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982, pp. 271, 277, 283, 285.

²⁵ Do latim “aetherius” relativo ao éter, a zona superior da atmosfera, em termos figurativos o espaço celeste. Vide Figueiredo, Cândido de, *Grande Dicionário...*, *ibid*, pág 1135.

que acompanhou D. Sebastião à sua trágica aventura africana.

A referência tem ainda uma dimensão esotérica escondida: o Quinto Império é para o Templário a nova Jerusalém Celeste e esta é representada pelo Templo que é o Terreiro do Paço onde o Ocidente, o portal de entrada, se situa exactamente entre os cais das colunas e o Oriente no *sanctus sanctorum* que fica no ponto oposto da praça e dá acesso à Rua Augusta [do latim *augustus*, solene, magnífica]. Finalmente a luz que é solar é dourada porque o Encoberto é a reconfiguração do Sol, o *aufklärung* do iluminismo, o astro-rei das grandes religiões iniciáticas, o Rei-Sol de Alexandre, o Amon dos egípcios.

Em terceiro lugar surge o terceiro profeta, com o terceiro aviso, Fernando Pessoa, num poema sem título que começa "escrevo meu livro à beira mágoa" e em que o poeta deixa de falar para os outros para passar a ser *aquela de quem se fala*. Depois do representante do povo e do clero, Pessoa surge como o representante da classe nobre intelectual, um historiador, um filósofo, dotado por Deus de um mandato particular: anunciar a promessa do Quinto Império. Pessoa intui que nos momentos de crise [como o que presencia, no fim da década de 30] os poetas assumem-se como uma espécie de vozes da consciência nacional, revestindo-se das vestes de profetas²⁶. Pessoa vislumbra-se acima da sorte dos homens comuns, dos que são cúmplices do adormecimento de Portugal, lembrando o papel que Camões atribui aos Velhos do Restelo²⁷.

O poema está repleto de referências bíblicas, e o poeta como Moisés ou Nabucodonosor, no Antigo Testamento, chora as penas do exílio da Babilónia e implora ao Senhor que o guie à Terra Prometida trazendo o Encoberto de volta a Portugal:

²⁶ Cirurgião, António, *O Olhar Esfingico...*, *ibid*, pp. 240-1.

²⁷ Numa nota incluída nas suas *Páginas Íntimas*, Pessoa diz "timbraremos, por um movimento idêntico em sentido inverso, em mostrar a parvoíce das ideias aceites, a vileza dos ideais nobres, a ilusão de tudo quanto o povo crê ou pode crer. Salvaremos assim o princípio aristocrático que na ordem social se afundou, deixando atrás de si o vácuo de uma universal monótona escravidão". Pessoa, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Recolha de Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, Edições Ática, Lisboa, s/data, pág. 77.

[...] mas quando quiserás voltar? Quando é o Rei? Quando é a Hora? Quando virás a ser o Cristo de a quem morreu o falso Deus. [...] Quando virás, ó Encoberto, sonho das eras português, tornar-me mais que o sopor incerto de um grande anseio que Deus fez? Quando quiserás, voltando, fazer minha esperança amor? Da névoa e da saudade quando? Quando, meu Sonho e meu Senhor?²⁸

As referências são duplas, porque ao mesmo tempo Pessoa dirige-se à divindade e ao Encoberto, esperando que alguém desperte Portugal e o leve à Terra Prometida. O regresso do Encoberto só é possível associando-se ao Quinto Império que Pessoa figura na expressão “sonho das eras português”. Deus, o Criador, aparece como causa da vontade do profeta que com ele e nele Portugal tem de ver o novo Messias, o fundador do Quinto Império. Na dimensão esotérica que orienta e inspira a obra de Fernando Pessoa, este poema surge como expressão do desejo religioso imanente do poeta, de religar o poeta a Deus [O Novo Paganismo], dimensão gnóstica a que o poeta se conduz, de forma velada, ladeando o código linguístico da religião institucional. Em nenhum ponto da *Mensagem*, Pessoa faz um apelo à Igreja e ao seus sacerdotes para que o orientem nessa procura da sua religação ao Divino, do seu amor ao Criador e a palavra Cristo, aqui empregue deve ser lida no sentido arcano, que lhe davam os gnósticos [o Jeová] e não como o Filho de Deus e Deus, postulado incontornável da dogmática do catolicismo.

Concluída a análise dos “avisos” e a peregrinação nos Profetas, Fernando Pessoa dá o seu contributo final à visão do Quinto Império no poema homónimo que coloca em segundo lugar na sua visualização dos “símbolos” do Encoberto, logo a seguir a “D. Sebastião” e antes de “O Desejado”. O poema de cinco estrofes e cinco versos cada²⁹, parte da constatação de um sentimento de

²⁸ Poema sem título, da secção II [Os Símbolos] da Terceira Parte “O Encoberto” in Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Oficina do Livro, pág. 125.

²⁹ O cinco é um número simbólico e representa a segunda idade do homem [a seguir à aprendizagem] idade em que se espera que o espírito do homem esteja mais esclarecido, mais desenvolvido. O número 5 é o número que identifica o Companheiro numa loja maçónica tradicional que é o segundo grau na sua progressão para a Mestría. O 5 era considerado um número misterioso porque se compõe do binário (o 2) símbolo do que é falso e duplo e do ternário (o 3). É o número intercalar que na sequência pitagórica

tristeza e infelicidade dos que se satisfazem no contentamento das coisas vulgares. As duas primeiras estrofes começam pela mesma ideia, a vulgaridade dos homens comuns: "triste de quem vive em sua casa contente com o seu lar", "triste de quem é feliz porque a via dura". Pessoa recusa identificar-se com eles mas sim com quem é descontente pois só estes podem "sonhar" a via para se chegarem à "vida boa" a dos arquétipos³⁰:

Ser descontente é ser homem que as forças cegas se domem pela visão que a alma tem. E, assim, passados os quatro tempos do ser que sonhou, a terra será teatro do dia claro, que no atro da erma noite começou.

O surgimento do Quinto Império depende do regresso do Encoberto, após o seu martírio e morte e esse regresso será anúncio do dia claro [no sentido do dia iluminado] que se libertou da noite. Na última e quinta estrofe do poema "Quinto Império", Fernando Pessoa enuncia os quatro impérios que já foram e deixa através de uma belíssima analogia enunciado o Quinto e Império definitivo:

Grécia, Roma, Cristandade, Europa - os quatro se vão para onde vai toda a idade. Quem vai viver a verdade que morreu D. Sebastião?

Há no poema um duplo número *quatro*: as quatro eras e os quatro Impérios. As quatro eras referem-se às quatro idades da vida do Homem: a infância, a adolescência, a idade adulta, a velhice. Os quatro impérios [e eras no sentido de uma sequência cronológica na história da humanidade] referem-se ao quatro impérios históricos que identificam o domínio da cultura europeia: o Império Grego, o Império Romano, o Sacro Império, o Império Europeu. O Quinto Império é figurado como o Império da Verdade para que morreu o Rei D. Sebastião. Desde logo o mito do Quinto Império foi assinalado por outros. Na Bíblia é referido em Daniel 7, 1-8, onde se relata o sonho do Rei da Babilónia, Nabucodonosor, em que o governante viu imagens de quatro

conduz à perfeição, representada pelo número 7.

³⁰ Poema sem título in Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Oficina do Livro, pág. 125.

impérios da terra e um quinto império imaterial que existiria para sempre³¹. Na lógica do Antigo Testamento este império era naturalmente hebreu e associado ao regresso do povo proscrito a Jerusalém e à reconstrução do Templo derrubado pelos invasores.

Deixando indeterminado o perfil detalhado do Quinto Império, Fernando Pessoa baseia-se em Bandarra, no Padre António Vieira mas também em Nostradamus e em Camões para contrapor à tristeza do presente um Quinto Império Português e Espiritual³². O Quinto Império é a soma de todo o legado que os portugueses deixaram pelos quatro cantos do mundo, levados pela maior herança que deixaram aos vindouros: a língua portuguesa³³. Esse é o elemento de unificação que o último poema da Mensagem perspectiva na segunda estrofe em septeto [número 7]³⁴:

Tudo é incerto e derradeiro, tudo é disperso, nada é inteiro, Ó Portugal,
hoje és nevoeiro.... É a hora! *Valete Fratres*.

Mas a fundação desse Quinto Império que é ingente [é a Hora!]³⁵ não pode ser tarefa de homens vulgares, de homens de hábito ou mesmo de poetas. Ela é tarefa de homens predestinados com uma missão divina. *Valete Fratres* é a expressão com que Pessoa termina o seu Canto épico. Trata-se de uma expressão latina que significa *Salve Irmãos* e que pode ser interpretada como um apelo aos Irmãos para lançarem mãos à obra enunciada. Os Irmãos de que Pessoa não são os Irmãos em Cristo que uma leitura simplista do

³¹ Hipólito, Nuno, *As Mensagens da Mensagem. O Desvendar dos Mistérios. A Mensagem de Fernando Pessoa anotada e comentada*. Prefácio de Paulo Pereira, Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 2007, pp. 121-3.

³² Hipólito, Nuno, *ibidem*; Cirurgião, António, *O Olhar Esfíngico...*, pág. 210.

³³ Hora, Álisson Alves da, “A Última Mensagem: Entusiasmos e Amargura da Pátria Portuguesa em Mensagem, Quinto Império e Elegia na Sombra” in Paiva, José Rodrigues de, Ferreira, Ermelinda Maria Araújo, *Colectânea de Textos: Em Pessoa*, Editora Universitária Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007, pág. 30-2.

³⁴ Poema quinto “Nevoeiro”, terceira parte, terceira secção in Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Oficina do Livro, pág. 136.

³⁵ António Cirurgião associa esta expressão à liturgia do sábado de Aleluia que anuncia a ressurreição de Cristo. O autor identifica a vinda do Quinto Império à ressurreição de Cristo o que não faz qualquer sentido vendo-se o pensamento do poeta como um todo. Vide Cirurgião, António, *O Olhar Esfíngico*, pág. 166.

poema e da obra de Pessoa induziria. Irmãos são os que receberam o chamamento da hora maior e os que pela cerimónia de Iniciação iniciaram um caminhada, uma via para a contemplação e para a libertação das fraquezas do corpo, da matéria, da sua natureza terrena, em direcção à universalidade à intemporalidade do espírito. Essa nova dimensão está reservada aos Iniciados e dentro deles aos Altos Iniciados entre os quais Pessoa se contava. A associação aos ensinamentos advindos do catolicismo é a nosso ver absolutamente deslocada.

Numa das reflexões mais significativas das *Páginas Íntimas* a propósito da caracterização do Novo Paganismo Fernando Pessoa situa a moral cristã como a moral da fraqueza e da incompetência e a metafísica do cristismo [designação que prefere a cristianismo] a metafísica da falta de atenção e de concentração sendo "a inversão dos valores humanos". O cristismo, refere o poeta, "nasceu na época da decadência romana" e na forma católica, "a mais abjecta de todas [...] a religião católica é uma religião de decadência romana e quem vive dentro do cristianismo, vive ainda no império romano em decadência"³⁶.

Será o Quinto Império a apoteose da ideologia do nacionalismo fascizante do Estado Novo? Pessoa esclarece-o num texto datado de 1935, logo a seguir à publicação da Mensagem³⁷:

Um leitor atento da Mensagem qualquer que fosse o conceito que formasse da valia do livro, não estranharia o anti-romantismo constante, embora negativamente, emergente dele. Um leitor igualmente atento, mas instruído no entendimento ou ao menos na intuição das coisas herméticas não estranharia a defesa da Maçonaria em um autor de um livro tão abundantemente embebido em simbolismo templário e rosacruciano. E a este leitor será fácil de concluir que, tendo as ordens templárias, embora não exerçam actividade política, conceitos sociais idênticos, no que positivos e no que negativos, aos da Maçonaria e girando o rosacrucianismo, no que social, em torno das ideias de fraternidade e de paz [*Pax profunda, frater* é a saudação rosacricuana tanto para Irmãos

³⁶ Pessoa, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Recolha de Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, Edições Atica, Lisboa, s/data, pp. 251-2.

³⁷ Idem, pp. 434-5.

como para profanos] o autor do livro assim seria forçosamente um liberal por derivação, quando já não fosse por índole.

2. Macau no *Quinto Império* de Pessoa

Nenhum passo da *Mensagem* permite uma associação de Macau à visão do Quinto Império de Fernando Pessoa e mesmo na obra do poeta a menção é feita, ainda assim, num heterónimo - Álvaro de Campos - e num poema intitulado *Passagem das Horas*. Nesse poema, pela voz de Álvaro de Campos, Pessoa fala dos lugares onde esteve e não esteve: "Trago dentro do meu coração, como num cofre que se não pode fechar de cheio, todos os lugares onde estive, todos os portos a que cheguei [...] e tudo isso que é tanto, é pouco para o que quero". Na segunda estrofe insere Macau aparentemente numa sequência de lugares que preencheram o seu imaginário:

A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde, o coral das Maldivas em passagem cálida, Macau à uma hora da noite....Acordo de repente Yat-lô..ô-ôô-ô-ô-ô-ô-ô-Ghi. E aquilo soa-me do fundo de outra realidade.

É muito curiosa esta menção a Macau pois Pessoa dá-se ao trabalho de articular o som do vocábulo chinês correspondente a "uma hora da noite" que é "Yat Lo Ghi". Porque o faz e de quem se socorreu - não sabendo seguramente chinês - não o sabemos. Macau aparece, contudo, nesta cadência da passagem das horas em que o poeta explicita o que viveu e o que gostaria de ter vivido, de uma forma enigmática. Lembre-se que o horizonte de referência de Pessoa é o Atlântico pois viveu grande parte da sua infância em Durban, na África do Sul, depois da morte do seu pai e do matrimónio de sua Mãe com o Embaixador João Miguel Rosa. O Atlântico [e o Ocidente] emergem como pontos de ancoragem do poeta na sua visão de Portugal e do papel do país no Quinto Império.

Álvaro de Campo esclarece na estrofe a seguir a razão porque enunciou todos esses lugares: "viajei por mais terras do que aquelas em que toquei, vi mais paisagens do que aquelas em que pousei os olhos". Macau surge assim na

sequência imaginária dos lugares que completam a memória vivencial do poeta. Sabemos que teve uma relação distante com Camilo Pessanha e que apreciava, sobejamente, a poesia do autor de *Clepsidra*. A carta que lhe dirigiu incentivando-o a que colaborasse na revista Orfeu é disso exemplo. Será que vislumbrava em Macau um outro papel para além do lugar exótico que tinha no imaginário da sociedade do seu tempo? É algo que não sabemos exactamente e que apenas nos podemos pôr a adivinhar.

Existe, no entanto, um outro ponto que nos possibilite através de um raciocínio por associação voltar ao tema "Macau". Trata-se da prosa "A minha pátria é a língua portuguesa" que Pessoa coloca na voz do heterónimo Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*³⁸:

259

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho porém num sentido um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto não quem escreve mal português, não quem sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como escarro directo que me enoja independentemente de quem cuspiu. Sim porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida.

Se a pátria de Pessoa [por via de Bernardo Soares] é a língua portuguesa ela é mais que o rectângulo ibérico, ela é o conjunto de todos os lugares por onde a influência de Portugal passou e se perpetuou. Ela é o Brasil, as colónias africanas e os territórios asiáticos em Macau e em Timor. Esses são os lugares, para além de uma mera reconfiguração da soberania, onde *se fala e pensa em português*, logo onde a identidade portuguesa é reconfigurada numa dimensão cultural, intercultural, cosmopolita, tendencialmente universal, para além dos tempos³⁹. Para Pessoa a língua portuguesa era a língua em que o futuro se

³⁸ Pessoa, Fernando, *Livro do Desassossego*, Composto por Bernardo Soares, ajudante de Guarda-livros na cidade de Lisboa, disponível in http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/elle000022.pdf

³⁹ Alisson Alves da Hora sugere mesmo que "Portugal como um novo Osíris, reúne todos os seus

assentaria numa lógica de alinhamento das línguas imperiais, onde via incluir-se também o inglês [afinal a língua da sua formação de adolescente] e o espanhol e que em determinado ponto da história se difundiram nos vários continentes.

Num comentário à utilização da língua portuguesa sob o título "As 5 Línguas Imperiais", Fernando Pessoa elabora o problema da língua da seguinte forma: "falando não só do presente, mas também do futuro imediato, na medida em que este possa ser condicionado como factor de desenvolvimento das condições embrionárias do nosso tempo, só há três línguas com um futuro popular - o inglês, o espanhol e o português"⁴⁰. Pessoa fundamenta-o na sua transcontinentalidade: "são línguas faladas na América e como a Europa significa civilização europeia, a Europa tem-se radicado cada vez mais no continente ocidental. Assim línguas como o francês, o alemão e o italiano só poderão ser europeias: não têm poder imperial". E explica-o: enquanto a Europa for o mundo, estas dominaram e triunfaram mesmo sobre as outras três, pois o inglês era insular e o espanhol e o português encontravam-se num dos seus extremos. Mas quando o mundo passou a ser globo terrestre este cenário alterou-se. Será portanto numa dessas três línguas que o futuro do futuro assentará".

Como resolver o problema da escolha? Pessoa funda-o num critério utilitarista: "temos de pactuar com a realidade. Não podemos fazer da língua portuguesa o privilégio da humanidade. Podemos, porém, convertê-la em metade de tal privilégio. Os Deuses não nos concedem mais: não podemos aspirar a mais". E avança o argumento: "concentremo-nos no português, como se ele houvesse de ser tudo; não esqueçamos porém que ele pode não poder ser mais que metade de tudo. *O Quinto Império todo pelo espírito, metade*

pedaços disperses e transforma-se em um Universo que se levanta para rezar diante da Cruz Universal do Deus Jesus". In "A Última Mensagem..." VV.AA., *Em Pessoa*, pp. 32-3.

⁴⁰ Pessoa, Fernando, *A Língua Portuguesa*, Edição de Luísa Medeiros, Assírio & Alvim, Lisboa, 1997, pág. 149.

pelo verbo”⁴¹. Nesse Quinto Império, diz Fernando Pessoa, utilizar-se-ia o inglês como língua científica e geral e o português como língua literária e particular. A primeira para aprender, a segunda para sentir, “o que queremos dizer”. Com que “armas” conclui Pessoa o argumento? O facto de um dos maiores crentes nessa virtualidade ser o Padre António Vieira, “o maior resultante cultural da língua portuguesa” e cinco argumentos em cadeia:

O português é [1] a mais rica e mais complexa das línguas românticas; [2] é uma das cinco línguas imperiais; [3] é falado, senão por muita gente pelo menos de Oriente a Ocidente, ao contrário de todas as línguas menos o inglês e, até certo ponto, o francês; [4] é fácil de aprender a quem saiba já espanhol e, em certo modo, italiano, isto é, não é uma língua isolada; [5] é uma língua falada num grande país crescente - o Brasil”.

Encontramos aqui, pela segunda vez, uma referência ao Oriente como a extrema da utilização do português como língua natural e literária. O Oriente que Fernando Pessoa quer falar é naturalmente Macau, porque Macau é o único território localizado no Oriente onde o português sobreviveu como língua oficial⁴². Macau passou a ser, aliás, depois da queda de Goa a capital do Império Português do Oriente até 1974, quando a lógica do “império” feneceu com a queda do regime ditatorial.

Este raciocínio faz todo o sentido. Os Impérios do passado basearam-se no domínio territorial, na conquista, no domínio dos povos que foram agregados a uma lógica de hegemonia e de sujeição. Esses impérios acabaram e o único capaz de sobreviver, num tempo de decadência, é o Império Espiritual, diríamos nós “para além do Bem e do Mal”. Os Impérios do futuro, no sentido dos processos de projecção de influência das grandes nações já não se fazem, dizemos em relações internacionais, com base nos poderes duros [*hard powers*] mas nos poderes suaves [*soft powers*]. Entre estes poderes suaves está a língua, a cultura, as ideias, a imagem do país, a capacidade de

⁴¹ *Idem*, pp. 150-1.

⁴² Em Timor o português sobreviveu mas como língua residual de um povo que na vida diária privilegiou sempre o tétum, um dos dialectos nativos.

influenciar outros tomando-se como exemplo⁴³.

Sem o saber, Pessoa previra o fim do Império português e a apressada descolonização em que por força das pressões da época e da falta de visão dos políticos se preferiu desistir do Império, a ter de o pensar noutros moldes, ou criando condições para conservar os novos países independentes num arco de uma mesma matriz cultural e linguística comum⁴⁴. Sobre os restos do Império físico, subsistiu a língua portuguesa como ponto de comunhão dos países que formaram o Império português. No caso de Macau, a ideia prevaleceu ao se conseguir que no acto de transferência da sua administração para a China a língua portuguesa fosse adoptada como língua oficial. Por essa via, o património cultural, a maneira de estar, o diálogo interreligioso incorporaram o património da sua singularidade como terra de ascendência portuguesa no grande continente chinês. Na perspectiva de um mundo global mais espiritual do que material, a língua e a cultura têm um papel determinante. Descobriu-o a China ao criar uma rede de Institutos Confúcius para projectar, paulatinamente, a sua influência aos quatro cantos do mundo...

3. Nota Final

O regresso do Encoberto não se realizou da forma como Pessoa aspirara e o papel de Portugal como centro de um Quinto Império espiritual e universal não se cumpriu. A ideia da grandeza de Portugal foi abandonada como o pressagiava, aliás, o poeta no poema "O nevoeiro": "nem rei nem lei, nem paz nem guerra, define como perfil e ser esse fulgor da terra que é Portugal ao entardecer. *Brilho sem luz e sem arder*, como o que o fogo-fátuo encerra".

⁴³ Ribeiro, Henrique Lages, *Dicionário de Termos e Citações de Interesse Político e Estratégico. Contributo*, Gradiva, Lisboa, 2008, pág. 305.

⁴⁴ Eduardo Lourenço anota melhor que qualquer outro que "nem a cegueira colonialista desvairada dos Kauza e Companhia, nem a aposta neocolonialista de Spínola, nem a determinação firme do anticolonialismo coerente de Melo Antunes foram vividos em termos de autoconsciência e responsabilidade cívica pela maioria dos portugueses. Num dos momentos de maior transcendência nacional, os Portugueses estiveram ausentes de si mesmos, como ausentes estiveram, mas na maioria felizes com essa ausência, durante as quatro décadas do que uma grande minoria chamava "fascismo" mas que era um poço de longa tradição de passividade cívica apenas "o governo legal" da Nação". Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, 2ª Edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1982, pág. 47.

Fará sentir continuar a pensar numa imagem do Quinto Império espiritual nesta segunda década do século XXI? Dificilmente. A sinalética dos impérios morreu no discurso comum e mediático enquanto substantivo maldito. Quando muito fala-se hoje em hegemonia, influência, polarismo ou polarização, ainda assim com medo que isso seja mal compreendido e disfarce um qualquer neocolonialismo envergonhado. O próprio nacionalismo dos românticos do Movimento Simbolista esgotou-se com o desaparecimento de Fernando Pessoa, a queda do Estado Novo e o advento da democracia representativa em Portugal, em 1974. Nesta viagem, Portugal perdeu qualquer sentido de grandeza imperial e rendeu-se ao estatuto de nação pequenina, comum, meridional, país limítrofe na extrema ocidental da Europa “bom aluno” depois “mau exemplo” do processo de assimilação europeia. Somos, disse o poeta, “um pingo de tinta seca na mão que escreveu Império da esquerda à direita da geografia. É difícil distinguir se o nosso passado é que é o nosso futuro, ou se o nosso futuro é que é o nosso passado”⁴⁵.

⁴⁵ “410. D. Sebastião num retrato de Cristóvão Morais [séc. XVI]”, Lancastre, Maria José da, *Fernando Pessoa. Uma Fotobiografia*, Imprensa Nacional. Casa da Moeda, Lisboa, 1981, pág. 284.